

Cheguei a tempo, à idade em que tenho que me ocupar da idade. Cheguei a esse refúgio aceitável em vigília, dei-me conta do cuidado de fazer desse caminho algo menos monótono, como levar fardos de algodão.

Essa velha mania de gostar de tudo o que posso, do que gosto bebido como água da fonte, comido com inocência feito mingau, pelas beiras. Sempre espero ter de volta essa vontade de gostar de tudo o que posso, mesmo que eu não possa. Ainda que tentem seguirei agarrado a essa vontade. E mesmo quando não puder mais, sonharei com elas.

Fonte que me fazes sonhar, dá-me uma razão para a sobrevivência. Nasces para dar sentido aos assuntos das águas, te moves por corredores paralelos, inventas caminhos e te estancas água para ser admirada, como espelho onde caiba rosto, fantasia e a serena paz que oficializa teu pouso.

Tantas as vidas, tantas as mortes, sempre os mesmos amores, permanecidos, um pouco esfolados, embora pouco surrados. Abatidas algumas convicções, as incertezas andam buscando repousar em alguma guarida. Salvaguardada a pele, a memória, esquecidas as dores, afastadas as decepções, aceitas as idas e vindas, lanço as âncoras nas águas marinhas onde guardo a alma restaurada. Cancelo as ofensas nuas e cruas, distribuídas na mão e contramão. Palpo as margens, invento letra e melodia. Decoradas as regras e as contra regras, deixo os meus e os teus amores de ontem nos seus devidos lugares de incalculáveis distâncias. Implanto, transplanto, refaço o já feito. Procuo canteiros em grandes quantidades. Amo por varejo, necessito por atacado. Doo as sementes. Se não saírem as flores, prometo que apresentarei as raízes.

Ofereço-te meu amor, que é o único que tenho. Embora o que possuo de mais profundo e autêntico, às vezes ele se declara, me contradiz, desfila como um herói sem rumo, como rei degradado, como um pobre ofendido. Fica supérfluo quando se instala aonde não é chamado; humilhado e desprotegido, sobrevive, alimenta meus sonhos, vive de emprestar-me algumas restantes convicções, acaricia minhas fragilidades, acalma minhas dores, guarda o melhor para a noite dar sentido a meus sonhos.

Agonia, quero que te acalmes e faças desse meu sentir um momento em que uma nova luz declare uma esperança. Espero que não me convides, renuncio, não quero tua companhia. Deixa-me aproximar-me da vida com menos rancor. Saiba que dói o vazio,

que nada sabe de rumos, mistura os destinos, grita com o silêncio, sacode a paz. Chora quando era para rir, perde o rumo com o norte na mão. No entanto, tento fazer chegar até a próxima primavera aquilo que inventei para colorir a melancolia. Não sei se me alcançará o futuro, o tempo mal comportado nem sempre segue dando as cartas. Espero que o jogo chegue até o final.

Fonte que nivela terrenos, alimento ordenador que desperta o assombro, inaugura o ar fresco, brota e desaparece de tuas fendas a água que se livra de ser cativa e inunda o lago que resgata o ciclo que lavras, transpassas inventando arroios, riachos, rios, mares até sustentar o jardim que te acolhe e encantar quem te contempla. Sempre ascendente, descendente, vaporosa, vigorosa, se perdendo e se encontrando ora turba, ora serena do teu fluido, as energias emergirão misturando-se em começos e fins nas tuas misteriosas aparências. Danças precipitada a molhar os intrusos que sobem no teu palco.

Uma ingênua proposta, por mim aceita, abriga uma vida intacta, fresca, pueril como uma bem-aventurada fantasia inaugural. Um acaso em desuso faz-me suportável. Embora eu tente me convencer de que a minha vida me pertence, faz parte de mim, devo reconhecer que já não me pertence tanto quanto antes. Prometi não comunicar a ninguém minha bem-aventurança. Temi sequestro. Meu silêncio é eloquente, convém disfarçar mistérios.

Sabedor do impossível que é enganar-se a si mesmo confesso-me incapaz de ocultar tudo o que sinto por ti. És onde guardo todo o desejo, me iluminas como aurora, usas da minha loucura quando te vejo como miragem. Andas e nada solicitas. Quando eu mais necessitado, tento diferenciar-me na multidão, tudo o que aprendi fica parecendo pouco para decifrar-te em teu silêncio.

Morte! Dá-me um tempo, atenda-me. Reivindico o direito de mais uns sonhos, vários sustos. Ouça-me para saber tudo o que ainda quero viver. Olha meu calendário, escuta o inédito verso que adio escrever. Estendo e negocio com o tempo: faço de tudo. Brinco de ser capaz de enganar o meu destino, tento me perder da hora de ser convocado a ir, promovo uma desesperada arrogância. Apresento documentos alheios, mantenho os versos inacabados. Medio uma criação ocasional para negociar um pouco mais.

Agrego um novo valor às marcas que deixaste. Mastiguei as pedras, engoli as mágoas, inspirei de tua pele um reclame para ficar. Calo imerso no silêncio que me abrigou. Fico só. Busco uma essência, encontro declarações, depoimentos, tantas ausências, uma ofensa

quase esquecida, algumas flores murchas no jardim, uma despedida sem firmar -não sei de quem para quem, vários nomes sem propriedade e uma lua que já não me faz mais companhia.

Estando à deriva, continuo até resgatar um sentido de existência que salve o doce gosto da vida, me tire da exaustão, do cotidiano que não acolhe. Entediado, transmito uma carga que não consigo evitar, não consigo evitar uma procura, uma razão que me tire a negação e me devolva a resistência. Busco algo que me harmonize, que responda ao que perguntei, somente isto, sem agregados desnecessários, informações não solicitadas. Fim.

Amo enlouquecido, sem limites. Uma simples dor grava fundo, representa a tortura extrema, e um simples rechaço, um abandono total. Ausente de entrelinhas, sinto-me radical, extremado, reajo como meus ancestrais.

Transbordo nos meus amores exercidos em decorrência de pífios arranjos. Organizo gentilezas, promovo uma feliz combinação entre imagens fúteis e agradáveis, sabiamente arranjadas. Recolhidas as lições, invoco iniciativas, transformo-as em impactos dignos de praticar disputas, de rivalizar com as lutas, de multiplicar os desejos.

Lenta e minuciosamente realço encantos, substituo tudo àquilo que da essência não seja o principal.

Reinvento-me para abrir-te o que guardo intocado no fundo mais fundo. Pacientemente espero doar o que de melhor tenho. Posso e reservo uma paz intocada, uma carícia primeira, adiada, um presente que te deixe uma lembrança que te seguirá como uma sombra, um colo, uma água certa que termine a secura do teu coração. Tenho um ar puro que te ofereço para que recolhas todas as tuas esperanças perdidas, serei teu sangue, correrei como essência por dentro de ti, veloz, forte, irrigando-te, serei a cor dos lábios, o negro dos teus olhos mediterrâneos, tua pele, teu pé, teu sim.

Coloco em tempo de espera meus adiados sonhos, enfrento um vazio que me afunda, quase pretendo uma disposição do infinito para crescer sem o tempo, desprendo-me do corpo que me aprisiona. Poderei mergulhar consistente em algo tão mal conquistado? Afirmo que ficarei em um lugar inabitual, improvisando um estado de espírito que dê abrigo temporário a alguma instabilidade que me venha tirar satisfação. Não bastará uma

invenção trivial para o desafio que cerca tudo o que exige sustentar uma vida relativamente equilibrada.

Quando a última saudade desaparecer, as raízes serão expostas, o ciclo acabará. As dúvidas e as certezas estarão niveladas, e direi tudo o que pensei e não disse, sem maiores consequências. Propiciarei declarações, farei, de um modo íntimo e convicto, com que a escuta saiba que não guardo mais nada no fundo, que ali estará sendo tudo dito, que ali se acabam os significados, os símbolos, e que os afetos carregados como troféus e como cruzeiros ficarão ali depostos. Desvestirei meus sonhos, que darão uma dimensão de tudo que imaginei e almejei. A dura sensação da ausência de futuro será uma vitória sobre o tempo que já não precisará de domínios, ausentificado pelo momento que não será contínuo. Fechada esta ponte, já não terei acesso ao amanhã. Convocarei aqueles que tenham algo a dizer e partirei na experimental viagem sem respostas.

Que ânsia é essa que me impele a querer encontrar em ti tudo o que desejo? Se já sei onde todos os traços marcantes da beleza se refugiaram, por que acabo sempre não fazendo mais do que repetir o quanto me encanta; olhar-te desde a primeira vez. Reparo que, cada vez que debruças teu recato me despertas um desejo de viver infinito, transformado no que seja, pouco importa quando, nem como.

Aguardo um momento propício para salvaguardar o espanto que me causa o abuso de poder. Tento ajustar no foro íntimo uma tolerância esgotada que, insistente, pois ainda fecundas advertências. Não aprendi de memória se o que me confunde é não recuperar uma lembrança rarefeita ou o propositado esquecimento que colabora, borra, inutiliza o que eu penso como coisas minhas.

Sinto o entusiasmo que me invade, mas não encontro quem me queira ouvir, alguém para compartilhar esse sentir que recolhe e escolhe parceiros. Quase ninguém observa o quanto seria intenso viver em comum essa oferta da vida que, diante de nós, espontânea, se oferece ao alcance das mãos, e que acaba desperdiçada pela distração cotidiana que se impõe como método de fugir de si mesmo. A consistência do entusiasmo se sustenta por sua natureza milenar de fazer-nos interessados no mundo que nos acompanha feito flor, nuvem, mar.

Nada deve pôr a perigo a espontaneidade. Talvez jamais admita a aceitação dos motivos que sustentam esses meus desejos. Ficou tão estreita a ação, que se mistura ao tempo, os sentidos, a memória espontânea e receptiva convidando a um profundo e sincero encontro, casual. Metido sem previsão, deixa registros, e é por isso que a memória

responde com o entusiasmo da recuperação. Ela não tenta corrigir, ela inaugura de novo uma fascinação abandonada, que eu supunha haver perdido.

Quero o alimento que torne explícito o mundo que carrego dentro de mim. Uma vontade inesperada aparece sem se anunciar e desaparece todas as noites antes que com ela me intimice. Vivo recostado no cotidiano, projetando na hora seguinte liberar um grito que mude minha vida. Distraio meus próximos minutos para tornar minha carência menos premente. Um sobreaviso acompanha-me, escoltando minhas dúvidas, embora eu sempre delas tente me afastar. Esses misteriosos movimentos desdobram várias tentações ligadas entre si. Mesmo que a dúvida se dissipasse, logo depois eu seguiria duvidando. Razões nunca me faltam; elas assumem um significado definitivo quando me fazem entender que o futuro segue sendo uma incógnita indecifrada.

Nostálgicos eucaliptos nativos agitados pelo minuano me fazem íntimas confidências, revelando que, neles ficaram retidas preciosas lembranças. Guardam em suas raízes mistérios. Utilizam todos os recursos: exalam seu perfume, estalam seus galhos, sugam a terra que os sustentam. Sinto-me interrogado por eles toda vez que me aproximo. Olham-me como se me perguntassem por onde andei, por que tantas ausências, falta de notícias. Mostram-se terrivelmente intolerantes com relação a minha temporalidade, questionando e trazendo algum consolo pelas coisas da vida que me modificaram quase que por completo. Nada indicava que eles fossem me reconhecer, eu mesmo pensei que eles não fossem mais os mesmos que ali deixei. Eu mesmo não sou mais aquele que nada sabia das minhas possibilidades de existir. Havendo aprendido um pouco mais do que sabia, vejo que algo assaltou a minha inocência. Agora já não tenho mais necessidade nenhuma de revelar-me. Mas admito que algumas descobertas me fizeram menos egoísta.

Quantos eucaliptos na minha infância! metidos em todos os bosques por onde procurava um caminho que me levasse a um lugar novo. Tal sua reprodução, que não me serviam de guia. Velozes, arqueavam-se diante da provocação dos ventos, suas folhas desodorizavam a casa nova da infância. Habilmente colocados sobre a brasa de um fogão à lenha, avisavam da chegada de minha mãe, que conduzia num ritual de odores. Os eucaliptos combatiam os narizes tapados, os resfriados, escondiam os cheiros das carnes assadas na chapa do fogão e outros cheiros menos poéticos. Nostálgicos como um rádio antigo uivante, crepitam suas folhas açoitadas por sol e vento. Registram o tempo que se passou desde a última vez que com elas me importei.

Evitarei os silêncios excludentes, os olhares curiosos que me passam em revista. Meu principal interesse consiste em negociar, guiar águas na descida das montanhas para evitar o desperdício, vender o benefício das companhias que aceitem o ato humano de errar e acertar. Ainda que me vendo bizarro, tento parecer que estou guardando algo precioso, nada que traga perigo iminente.

O olhar despretencioso finge não olhar o que vejo espantado, recusa-se a declarar que acende minha imaginação inventando-te numa cena de nudez feminina. Teu corpo passa por onde passeio meu desejo, não sou daqueles que disfarça as aparências, nunca soube fingir diante do encantamento que me produzes quando és, braço, mão, perna, seio, colo e boca. Quase mirante, debruço-me para ver melhor teus movimentos; assim, vejo-te inteira. Fico com tal estado de ânimo, que arranco a raiz, saio voando. Meus olhos, guiados por teus passos, observam cada movimento que impõe um viço, não importando as consequências, até por que a notável contemplação não me obriga a escolher. Além de não estar ali para ganhar ou perder, é o olhar em si que se esgota como experiência única. Essa mesma silhueta que se insinua, ativa e única.

Porque és, ficas na minha retina colorindo os meus sentidos. Tal evidência me desobriga a seguir avante. Meu olhar focado me aproxima da decifração do enigma, pois localizo em ti a perfeição, embora temporária. Estanca-se o tempo para registra no teu ápice todo o esplendor.

Estou impregnado de uma curiosidade infinita que me nutre o prazer de enumerar todos os bens que estou conhecendo enquanto o amor que sinto vai assumindo outras formas.

A contragosto, chegas como primavera no sonho e desapareces na realidade, quando eu já não posso esconder o sentimento que me inspiras.